

LETRAMENTO, AMBIENTE E ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Luciene Rodrigues Ximenes
lrximenes@hotmail.com

Pós-Graduada em Alfabetização, leitura e escrita pela UFRJ. Atualmente é professora e coordenadora da escola da rede municipal do Rio de Janeiro (RJ)

Ana Paula Bellot
paulinhabs2003@yahoo.com.br

Graduada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia pela universidade Cândido Mendes (RJ). Atualmente é professora da Escola Municipal Artur Ramos e do Liceu Franco Brasileiro, no Rio de Janeiro.

Introdução

Nossas preocupações, ao trabalharmos em turmas de Educação Infantil, nos remetem a uma série de questões, dentre elas, a de criar um clima agradável e acolhedor para nossas crianças, no qual possamos fazer nosso trabalho pedagógico e também dar a devida atenção a todos os alunos, de maneira que nós, professoras que trabalhamos com crianças pequenas, nos tornemos capazes de contribuir cautelosamente com o processo de ensino aprendizagem desses alunos numa perspectiva de oralidade e de letramento.

Sabemos que a linguagem oral, assim como a escrita, é de fundamental importância para que as crianças ampliem suas possibilidades de imersão e participação nas práticas sociais. A partir dessa premissa, trazemos as seguintes questões: é possível trabalhar letramento, desde a Educação Infantil, estabelecendo vínculos com a própria sala de aula? E os aspectos físicos, interferem nesse trabalho numa perspectiva de letramento? O que os educadores trazem como concepções sobre letramento e oralidade?

Desenvolvimento

De acordo com a legislação, a educação e os cuidados com a criança até os seis anos de idade são tratados como assuntos prioritários pelos organismos internacionais, organizações da sociedade civil e pelo governo federal.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 assegura o direito do atendimento de crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas e este direito recebeu

consolidação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB) que estabelece, no artigo 29, que

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A partir deste artigo, é possível verificar que, dentro dos parâmetros legais, existe uma preocupação com o desenvolvimento integral da criança, o que pressupõe um trabalho de qualidade que, por sua vez, perpassa também por um ambiente onde as crianças se desenvolvam. Sabemos que as salas de aula de turmas de Educação Infantil precisam ser um ambiente acolhedor que propicie experiências novas e diversificadas. Acreditamos também que o ambiente precisa ser organizado de forma que favoreça as aprendizagens, os movimentos, as interações. Essas, por sua vez, recebem importante contribuição da oralidade que aí se estabelece.

Todos os seres humanos são construídos na linguagem. Antes mesmo do nascimento, o bebê já está submerso no mundo da oralidade. Conforme se desenvolve, começa a perceber que o que se fala pode ser representado pela escrita. No entanto, língua escrita não se resume apenas ao registro da fala. Falar apresenta muita diferença em relação à escrita. Quando falamos de forma espontânea, fazemos pausas, interrupções, gestos, expressões faciais e entonações, o que não colocamos na forma escrita.

Inúmeros educadores de crianças da Educação Infantil costumam valorizar ações de reprodução de atividades cotidianas tradicionais reduzidas apenas e tão somente a papel, lápis e tinta. Isso acaba demonstrando que esses educadores desconhecem outros modelos de organização do ambiente que não focalizem ações centradas e controladas pelo educador.

Este artigo vem trazer uma proposta de se pensar na organização espacial das salas de turmas de Educação Infantil, dentro da ótica de múltiplas possibilidades de interações e também da ótica do letramento. Segundo Clélia Cortez (2012, p.35), a criança afeta e é afetada pelo que acontece ao seu redor, é protagonista da cultura e influencia seu espaço e tempo. Isso se contrapõe a uma concepção de infância que submete a criança a ações de controle e compromete seu processo de desenvolvimento da autonomia e construção da

identidade. Também contraria a ideia de que criança não possui condições para pensar sobre o que acontece no mundo que a envolve; é ingênua e, quando tiver o máximo de experiência acumulada, poderá viver experiências mais desafiadoras.

Assim sendo, pensamos que num ambiente adequado, é plenamente possível propiciar que a criança se coloque como ser potente, que possui voz e pensamento próprios. No entanto, observamos o quanto é muito comum encontrarmos salas de Educação Infantil um tanto tumultuadas: além de serem pequenas, há brinquedos e jogos misturados, excesso de cartazes, gravuras, figuras de personagens clássicos, alfabetos descontextualizados, mesas e outros objetos em grande número, dentre outros materiais.

Na interpretação das ações sobre os objetos, sobre os móveis, as cores, as distâncias e os volumes, que fazem parte do cenário da sala, é possível tecer uma nova trama de relações e contribuir com a construção de novos sentidos. O ambiente torna-se carregado de intencionalidade educativa e se abre para as diferentes formas de manifestação e elaboração do pensamento.

A oralidade de crianças de uma classe de Educação Infantil é sem dúvida um importante ingrediente no processo de aquisição da leitura e da escrita. Acreditamos que para que o sucesso de aprendizagem ocorra faz-se necessário estabelecer uma troca entre professor e aluno: um fala, o outro escuta e depois troca-se de posição, o falante passa a ser ouvinte e o ouvinte passa a ser falante. Diariamente, podemos criar esses espaços, através de inúmeras atividades.

A linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e nos inserimos no mundo. Deste modo, a linguagem oral amplia nossas possibilidades de participação em diferentes práticas sociais. Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que:

A aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p.120).

Nós, professoras de Educação Infantil, propiciamos a oralidade de nossos alunos da seguinte forma: no início da aula, no momento da rodinha, permitimos que todos que querem contem alguma novidade (geralmente contam até

demais!); também gostamos que cada um cante uma música de seu agrado e os demais acompanham; outra prática que temos é de inventar histórias com eles. Começamos com alguma ideia e eles vão acrescentando com sua imaginação; além disso, quando usamos livro, ao mudar de página, procuramos criar um expectativa do tipo “e agora o que será que vai acontecer?” Sempre alguns apresentam suas sugestões de forma coerente. Outra situação que agrada a todos é permitir que cada um conte uma história para a turma. Através das imagens dos livros, eles contam as histórias ou até mesmo reproduzem, caso as conheçam.

Quando trabalhamos com rimas nas histórias, pedimos que repitam as frases do poema, de forma que percebam o som final das palavras. Contudo, sejamos bem realistas, há dias também que alguns dizem que não querem participar da roda ou até mesmo que não estão interessados em ouvir aquela história que para nós é maravilhosa! Respeitamos esta manifestação. Além desses momentos, há outro, no qual deixamos que andem livremente pela sala e escolham onde querem “brincar”. Há os jogos de encaixe, os brinquedos da caixa, os jogos de raciocínio e tem a casinha. Cada grupo se dirige ao que lhe interessa e faz seus combinados nas brincadeiras nos quais todos dialogam muito, concordando e também discordando muitas vezes.

Em seus estudos, Vygotsky traz grande destaque ao instrumento de maior atividade humana que é a linguagem. Esta, por sua vez, possibilita ao indivíduo o contato não só com o exterior, mas também com seu próprio interior. Em relação ao aprendizado, Vygotsky sublinha que esse processo necessariamente precisa ser mediado, o que torna o papel do professor bem mais ativo. Acredita que diante de todo e qualquer novo contato ou habilidade, a criança necessita da mediação do adulto. Para ele, o ensino deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe e não será capaz de aprender sozinho tendo em vista que, para este teórico, é importante entender que antes do desenvolvimento existe a aprendizagem. Vygotsky aponta que o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio é decorrente do ensino da linguagem, e existem duas capacidades que o professor precisa identificar em seus alunos. Uma se define como o caminho entre o que a criança consegue fazer sozinha; e a outra é aquilo que ela está perto de fazer sozinha mas ainda necessita da mediação do professor ou de um colega mais experiente. Esse momento com o outro é o chamado de Zona de Desenvolvimento Proximal.

Vivendo em uma sociedade letrada, desde cedo, a criança é colocada em um ambiente onde há atos de leitura e escrita. Quanto maior a vivência com um material escrito, tanto maior a facilidade da criança em compreender os usos da língua escrita, tanto por autoaprendizagem quanto por instrução formal ou informal.

É comum que crianças pequenas tenham acesso a folhetos, jornais, revistas, vejam adultos escrevendo bilhetes ou e-mails dentre outros. Assim sendo, elas podem perceber que o uso de leituras e de escritas são necessárias, pois verifica aí a existência de uma finalidade.

Vygotsky, já na década de 1930, apontava que o aprendizado da leitura e da escrita revolucionaria o desenvolvimento das crianças. Para o teórico, o ensino deveria ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornassem necessárias às crianças. É preciso que haja sentido, relevância para a vida e não se limite apenas a um exercício mecânico.

À medida que as crianças crescem e participam de situações comunicativas com outras crianças, têm a possibilidade de ampliar seu repertório, expressar seus sentimentos, ideias e desejos. Dessa forma, as diferentes situações criadas nos ambientes de Educação Infantil são oportunidades para a criança apropriar-se de formas culturais de questionar, comentar alguma experiência, fazer alguma solicitação, criar alguma narrativa de seu próprio imaginário, escutar a leitura de uma história e recontá-la, dentre outros usos da língua.

Dentro de um espaço de Educação Infantil, o jogo e a brincadeira também possuem papéis relevantes. Através do imaginário, da fantasia, do lúdico, crianças pequenas se desenvolvem de forma prazerosa, o que distancia qualquer forma de fracasso no que diz respeito à aprendizagem. Unido a este cenário, o espaço escolar precisa se tornar um aliado do professor/educador, na medida em que favoreça a aquisição de conhecimento.

De acordo com Cortez,

A ação de educar e cuidar corresponde a provocar inquietações nos modos de olhar a criança, é sair do “piloto automático” e criar condições para que ela se manifeste em todas as suas dimensões: física, social, afetiva, cognitiva e cultural. A preocupação com o outro é garantir a diversidade de experiências: o educador se envolve por inteiro ao acompanhar uma criança ao banheiro (promove diálogos, demonstra manifestações de afeto pelo olhar e outros gestos, desenvolve algumas ações inicialmente junto à criança, para que ela adquira condições de cuidar sozinha do próprio

corpo, depois de algum tempo), ou quando observa que aquela criança que brinca no tanque de areia ou na casinha apresenta sinais de desconforto térmico e a ajuda a tirar ou a colocar o agasalho. (2012, p. 41)

Para a autora, os genuínos profissionais de Educação Infantil se doam por inteiro, conscientes que as ações cuidar e educar se entrelaçam, o espaço físico e os diálogos também. Dessa forma, as experiências vividas no ambiente de Educação Infantil devem possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre a sua volta e consigo mesma, enquanto desenvolve formas de pensar, sentir e solucionar problemas.

Conclusão

Muitos estudos foram desenvolvidos na área da Educação Infantil. Uma questão inovadora é a forma como a Educação Infantil é compreendida na ótica da função social e política dessa etapa, assim como o tipo de concepção de criança e de seu processo de aprendizagem.

Uma proposta pedagógica abrange variadas atividades organizadas em espaços físicos adequados que contenham diversificados materiais de forma a atender os alunos em pequenos grupos. Na educação infantil, a participação do educador é de grande importância na intenção de promover além da interação criança e materiais, a interação entre as próprias crianças.

O ambiente deve ser rico de experiências para constante exploração vivenciada por adultos e crianças em que possa se estabelecer o diálogo como meio de construção de significados.

A organização do espaço, os recursos, o material visual devem possibilitar o desenvolvimento físico e cognitivo da turma. Contudo, o professor precisa ter cuidado para não exagerar na decoração, na imposição de personagens que reproduzam ideologias sociais, consumismo excessivo, etc. O estímulo da sala precisa existir, porém de forma moderada, sem que haja detrimento do conforto, do acolhimento e da segurança. Os livros e outros materiais impressos devem estar ao alcance das crianças para que as mesmas possam manuseá-los livremente.

Nesse processo, o brincar tem fundamental desempenho, pois o lúdico marca intensamente de forma positiva possibilitando que assuntos, temas diversos

sejam trabalhados fazendo uso do imaginário, se reconstruindo a partir da realidade vivida ao assumir papéis de personagens.

O educador é o mediador básico da relação criança e ambiente. É ele quem organiza, observa, explica, questiona, oferece opções, diversifica as propostas de trabalho assim como diversifica os materiais, conforta a criança etc.

Para concluir, o dinamismo presente nos espaços de Educação Infantil necessita acompanhar o ritmo e as demandas de crianças que se modificaram com todo aparato tecnológico dos dias de hoje. Muitas instituições encontram-se estagnadas no tempo e no espaço, presas a modelos de atividades arcaicos e desprovidos de sentido para as crianças.

O tempo e o espaço estão em constantes mudanças, portanto professores, educadores e profissionais afins da área de Educação Infantil precisam de formação continuada permanente unida a olhos e ouvidos atentos a todos os atos e vozes de seus alunos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, vol.3, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394/96. Brasília, 1996.

CORTEZ, C. **Interações**: diálogo com as inquietações dos educadores a primeira infância. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções)

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.